

Entrevista com Cidinha da Silva: “Eu sou a natureza dos orixás que sopraram o barro e me fizeram gente” *

*Interview with Cidinha da Silva: “I
am the nature of the orixás who blew
the clay and made me a person”*

Maria Williane da Rocha Souto**

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

Nádia Prestes Baptista***

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

*O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil

**Mestranda em Escrita Criativa no Programa de Pós-graduação em Letras pela
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail:
m.williane@edu.pucrs.br

***Graduanda em Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul – PUCRS. E-mail: nadiaprestes@gmail.com

Cidinha da Silva é escritora brasileira nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais. Além de seu ofício com a palavra escrita, atua também como professora, dramaturga, editora na Kuanza Produções e é doutoranda no DMMDC - Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da Universidade Federal da Bahia. Criadora de 17 obras autorais, incluindo *Exuzilhar* (2019), *Um Exu em Nova York* (2019) – Prêmio Biblioteca Nacional 2019, na categoria contos –, *O Homem Azul do Deserto* (2019) e *#Parem de nos matar!* (2016), a autora possui publicações em alemão, catalão, espanhol, francês, inglês e italiano. Ainda em 2019, Cidinha da Silva foi indicada ao Prêmio Jabuti e recebeu o Prêmio Rio de Literatura pelo livro *Explosão feminista* (ensaios), do qual é co-autora. A escritora também presidiu o Geledés – Instituto da Mulher Negra – e fundou o Instituto Kuanza, que promove ações afirmativas de educação e articulação comunitária para a população negra. Organizou ainda dois livros fundamentais sobre relações raciais contemporâneas no Brasil, *Ações Afirmativas em Educação: experiências brasileiras* (ensaios, 2003) e *Africanidades e Relações Raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil* (ensaios, 2014). Recentemente, Cidinha da Silva também abriu parceria com a cantora Luedji Luna no campo da música, lançando a canção *Lençóis* (2020).

Poderia descrever como está a sua rotina nesse momento de pandemia? O que mudou?

Minha rotina inclui sair de casa o estritamente necessário com cuidados máximos para evitar aglomerações, mesmo pequenas. Não recebo visitas e não visito ninguém, mesmo depois desse relaxamento forçado que inventaram. Até os 120.000 mortos eu acompanhava os números diariamente, sofria e me manifestava publicamente sobre eles, depois parei de acompanhar, foi uma das medidas que tomei para preservar minha saúde mental e emocional. Sei que estamos em 160.000 mortos, vi memes e piadinhas com o ocupante do Planalto e me assusto, porque para mim é impossível conceber qualquer tipo de brincadeira em torno da necropolítica e seus efeitos acachapantes. A interrupção do acompanhamento coincidiu com a exacerbação da vida laboral, caí na vala comum dos que têm consciência de estarem trabalhando demais, mas não se queixam porque muita gente não tem trabalho e a coisa vai piorar. Mais do que nunca estou próxima das formigas o longe das cigarras, queria cantar mais, mesmo que não fosse para anunciar a primavera. Mas fiz uma canção com Luedji Luna, está no disco novo dela, chama-se “Lençóis” e é muito bonita.

A partir disso, de que modo a cultura tem contribuído em sua rotina e de quem está ao seu redor? E, também, qual o papel da arte em um mundo em crise evidenciado na pandemia?

A arte é uma lufada de ar fresco no mundo pandêmico e pandemônico. Eu me benefico muito da música e um pouco da leitura. Não consegui assistir a um filme sequer nesse período, acho que tenho dificuldade de ficar sentada ou deitada por duas horas vendo um filme, na verdade, vejo filmes no cinema, não costumo mesmo vê-los em casa. Nas telas de casa assisto shows, assisti vários, também assisti aulas, palestras e fiz cursos on-line. Não assisto séries. Não sei como a cultura tem contribuído com as pessoas ao meu redor, noto, diante da sua pergunta, que esse não costuma ser um ponto da minha pauta de conversa com as pessoas amigas. Acho que a gente fala de trabalho, saúde, de outros amigos e de saudades.

Como a pandemia afetou a sua produção crítica e/ou ficcional?

Olha, afetou a minha vida de forma geral, como respondi na primeira pergunta, não percebo que tenha afetado a produção literária de maneira especial, em resumo, o peso das milhares de mortes previsíveis e evitáveis me feriu demais, causou medo e tristeza profundos e, em alguns momentos, desespero. Quanto à produção literária trabalhei (e trabalho) muito por encomenda, aceitei (e aceito) todos os trabalhos dignos que me oferecem (não tenho tempo, espaço ou possibilidades para não trabalhar). Falo em dignidade por que muita gente faz propostas

indignas de precarização do trabalho artístico, por exemplo, propõem reuniões preparatórias de *lives* e “ensaios” para atender às necessidades dos *nerds* do *marketing digital* que, de um modo geral, não leem, muito menos interpretam. Talvez a pandemia esteja me fazendo trabalhar mais porque a instabilidade é muito grande, então é preciso trabalhar para fazer dindim e guardá-lo para o tempo de vacas magras que já avistamos ali na esquina

Sabemos que o racismo sempre existiu, no entanto, atualmente, testemunhamos cada vez mais casos recorrentes dessa violência. Dentre outras formas de discriminação ainda ativas em nossa sociedade, e outras tantas violências parcialmente veladas, como a doméstica, os índices de agressão e mortalidade seguem crescendo. Como essas questões atravessam e influenciam sua produção e vivência no mundo?

Essas coisas não me “influenciam”, elas me atingem no peito e pelas costas como alvo da necropolítica que sou junto com todos os meus irmãos e irmãs negros.

Você acredita no surgimento ou na construção de uma coletividade mais forte nesses tempos de pandemia? É real ou *fake news*? Ela se sustenta?

Não acredito. Não posso mensurar/avaliar se isso é realidade ou *fake news*, apenas posso falar sobre a minha crença, não acredito. Imagino que, as pessoas que viveram a quarentena de maneira séria podem passar por transformações internas, pessoais, é o que verifico comigo, mas isso não se estende à formação de qualquer tipo de coletividade ou de uma “nova era”, mesmo que no espaço micro.

A pandemia também nos empurrou mais para dentro de nós e tantas vezes é possível registrar o sentimento de nostalgia que nos invade mesmo com portas e janelas cerradas, deixando-se entrever nos relatos em redes sociais e diários publicados no ambiente on-line. E você, Cidinha? Qual sua maior saudade?

Sinto falta de encontrar as pessoas que gosto, de ir a shows, cinema, teatro e restaurantes. Sinto falta de caminhar pelas ruas, de atravessar largas distâncias a pé. Sinto falta da liberdade que eu tinha para fazer todas essas coisas.

No presente atordoado que habitamos, em que as notícias ruins correm tão apressadas que nos encham de náusea, fúria e medo, onde enxergar a flor rompendo o asfalto? Teremos saída para esses tempos difíceis?

A música sempre me salva. A esperança vem também dos gestos de solidariedade e das ações práticas encetadas pelas pessoas e instituições que se dispõem e se dedicam a cuidar das pessoas, principalmente daquelas expostas a maiores e mais frequentes vulnerabilidades. Escrevi sobre isso no texto “*Becos, vielas, afoxé e congado*”, publicado no Suplemento Pernambuco de julho. A mim, particularmente, as tecnologias ancestrais de produção de infinitos que herdei e que cultivo me mantêm viva, pronta para lutar pela vida e também para desfrutá-la, porque mereço ser feliz e plena.

Em seus livros você trabalha muito com a ideia de trânsito, deslocamento, diáspora. Esse trânsito também se mostra nas tuas produções entre diversos gêneros literários. Como se dá a escolha e a produção de contos, crônicas, poesias e talvez até narrativas mais longas que possam vir por aí? Há algo que te inspire mais para um ou outro gênero no processo de escrita?

Não trabalho com a ideia de inspiração. Vou dizer uma coisa que pode parecer confusa, mas vocês são bons intérpretes e saberão me decodificar: aquilo que não é intuitivo na minha escrita é muito racional e tendo a achar que a racionalidade predomina e ela não briga com a intuição, as duas trabalham de maneira harmônica e cooperativa para me ajudar na modelagem da linguagem. Trocando em miúdos, como costumo trabalhar em livros, não sou muito de escrever a esmo, defino o gênero que vou escrever. Quando fiz o Exu, por exemplo, defini que faria um

livro de contos e, no processo, escrevi ótimas crônicas (tentei fazer contos, mas não aconteceram) que sairão num livro de inéditas pela Figura de Linguagem (RS) no início de 2021.

Você já declarou publicamente mais de uma vez várias relações que podem ser traçadas entre a sua produção acadêmica e literária. Dentre essas relações, podemos citar o que talvez seja a mais forte delas, o fio de tensão – teso e narrativo – entre ancestralidades, em especial no que diz respeito às africanidades, e o terreno contemporâneo, sob uma abordagem atenta e reflexiva do presente partilhado. A mudança é urgente e tua produção, em qualquer instância, insiste em abrir novos caminhos, encruzilhados, *enxuzilhados*. Numa perspectiva humana e até política, como você enxerga sua atuação no mundo? Faz sentido pensar na imagem da encruzilhada para dizer tua produção acadêmica e literária? Há algo, para além da linguagem, que pertença mais a um ou outro campo?

Olha, não concordo com o enunciado da pergunta, os aspectos acadêmicos aí entraram de gaiatos no navio, eles não são importantes para mim e, as poucas relações que estabeleci até hoje entre a vida acadêmica e a produção literária foram em atendimento à demanda de quem me entrevistava, porque esse não é um tema relevante, nem mesmo angustiante, que viceje no meu campo de interesses. A pergunta dá um grau de importância à academia que ela não tem na minha vida, o lugar da academia na minha vida é próximo de zero no sentido existencial. O doutoramento (isso digo e repito quando me perguntam) tem importância prática e estratégica, mais nada (é isso o que disse publicamente reiteradas vezes). Eu fui fazer doutorado porque passei por uma humilhação, não obtive um cargo de chefia onde trabalhava (tendo todas as condições para ocupá-lo) porque não tinha doutorado, segundo a justificativa do poderoso chefe. Agora nem sei se conseguirei concluir, acho que já estourei todos os prazos e, se a universidade me jubilar, não reclamarei, embora veja gente que demore séculos para fazer uma tese (gente que já é professora em outras universidades, principalmente) e não contribua em 1/5 do que eu contribuo para elevar e qualificar a produção discente do programa no qual estou alocada. Dito isso, faz sentido pensar na ideia de *enxuzilhar*, como um jeito de corpo que me faz gingar na gira do mundo. Minha atuação é exúnica, xangônica, oxúnica, eu tenho em mim a vitalidade do fogo, a força e a fecundidade das águas, a dureza das pedras (para o bem e para o mal), um espelho que reflete as grandes buscas: a justeza das coisas, a fluidez das águas, dignidade e altivez para mim e para meu povo. Sou também a lâmina do machado que corta de dois lados, na ida e na volta. Eu sou a natureza dos orixás que sopraram o barro e me fizeram gente.

Nas tuas obras a musicalidade está sempre muito presente, com maior ou menor intensidade. Lendo Cidinha da Silva temos acesso a um ritmo narrativo muito próprio da tua linguagem como escritora, de maneira que mesmo os textos em prosa com maior extensão conseguem fluir na leitura, como um rio que canta. De onde vem essa relação tão íntima com a música?

De ouvir muita música sem nunca ter estudado música; aliás, a arte entrou na minha vida pelas canções que minha mãe e meu pai cantavam em casa, pelo rádio também, eu ouvi muito rádio. Os dois tinham voz bonita e afinada, minha mãe cantava as grandes cantoras: Ângela Maria, Nora Nei, Núbia Lafaiete, Elizeth Cardoso e Clara Nunes, a cantora que calava fundo em sua alma. Meu pai cantava o repertório dos grandes cantores, Jamelão, Orlando Silva, Silvio Caldas, Cauby Peixoto, Nelson Gonçalves, Altemar Dutra, Pena Branca e Xavanzinho (daqui vem meu amor pela viola caipira). Meu pai tinha também discos de bolero e samba-canção. Os sambas-enredo das escolas de samba do Rio de Janeiro também são uma referência artística importante da minha infância. O piano popular de Benito de Paula também me embalou muito e o samba de Alcione (LPs e programa televisivo Alerta Geral), Martinho da Vila, Clementina de Jesus, Beth Carvalho, Jorginho do Império, Luís Ayrão, Agepê, Candeia, João Nogueira, Roberto Ribeiro, Clara Nunes, eu ouvia esse pessoal em casa e no rádio. Tem uma estação de rádio em Minas que o neoliberalismo quer destruir chamada Inconfidência FM, a Brasileiríssima, que é responsável pelo excelente ouvido que tenho para a música. Minha formação musical se deu ouvindo essa estação de rádio na adolescência. Não posso deixar de citar Gonzagão e Milton Nascimento que

conheci em provas de português da escola pública em que estudei e nunca mais larguei. Milton é a voz de Deus, como definiu Elis. Ainda na infância me encantei por Gilberto Gil, as primeiras músicas que me marcaram foram “Não chore mais” (versão que me apresentou Bob Marley e o *Reggae* aos 11 ou 12 anos) e “Realce”. Mais tarde, a poética de Paulinho da Viola. Compositoras como Joyce, Fátima Guedes, Luly e Lucina me chamaram a atenção para a composição na adolescência, já na vida adulta, Dona Ivone Lara e Jovelina Pérola Negra. Os tambores de minas, as sonoridades da Umbanda e do Congado também me fizeram ser quem sou e escrever como escrevo.